

RECADO DE PARIS

PARIS, maio — Nasceu em Argenteuil; fêz 68 anos no dia 13 dêste mês de maio. Não acredito que tenha saído de casa nesse dia para ver a luz de uma nova primavera sôbre a cidade de Paris. Seu mundo está dentro de casa; êle mesmo o faz com suas mãos. "Mãos que parecem de couro" — escreve o reporter. Mãos de artezão. "Sou muito manual" — confessa Georges Braque. Já tocou violino, flauta e acordeon. Diz que nasceu duas vêzes em 13 de maio; a segunda foi em 1915: ferido no dia 11, ficou vinte e quatro horas abandonado no campo da luta, e depois passou mais vinte e quatro para despertar no hospital. Lembra a infância em Argenteuil; o pai era um empreiteiro de pintores de parade — e às vêzes pintava. Aos 7 anos de idade viu Claude Monet, vestido com uma espécie de macacão, pirando. Hoje usa um macacão idêntico. Aos oito, nove anos foi para o Havre, entrou para uma escola. Seu professor de desenho mostrava-lhe umas aquarelas que fazia aos domingos — e o menino as achava ruins. Preferia olhar os cartazes pregados no muro defronte de sua casa: uns eram de Steilen, outros de Toulouse-Lautrec. Gostava tanto dêsses cartazes que, depois que o homem que os pregava dobrava a esquina, êle ia lá, os descolava e levava para a casa. Copiava desenhos que apareciam em "Gil Blas" — e lia all versos de Verlaine, Baudelaire, Rimbaud. "Mas eu leio pouco. Tenho o espírito lento. Leio três, quatro vêzes uma coisa. Gosto muito de Chateaubriand; há trechos que sei de côr".

Mostra ao reporter um vaso que fêz com um osso de boi que achou na praia, em Varenville. Gosta de fazer coisas. O reporter (é Paul Guth que o interroga) faz perguntas sôbre perguntas. Responde meio aborrecido. "Nunca tomei nenhum rumo. As coisas é que foram se encaaminhando. Pinto. É como o viciado que tôda manhã pega o seu copo; eu pego a minha paleta". Fala dos objetos que lhe servem de modelo; "Começo a pintar um espaço e a mobiliar êsse espaço. O objeto é uma coisa morta. Ele só começa a existir quando o ativamos. "Uma andorinha apunhalo o ceu". A andorinha não tinha importância. Havia mil delas no ceu. Mas ela se transforma em punhal! É preciso fazer com que as coisas sofram uma metamorfose, libertem-se de sua vida automática".

O reporter pede a explicação de um quadro. "Não tem. É uma espécie de emanação. Isso supera o que há de consciente em mim. Não procuro a definição, mas a infinição. Chega-se, na harmonia, a uma espécie de nada intelectual em que tôdas as palavras são sem valor. Você não pode elogiar as côres de um quadro em que há harmonia, pois assim destruirá o desenho. O sonho é chegar ao fatal: ao que põe as idéias em cheque. Chegar a um ponto em que não se possa dizer nada diante de um quadro. Cada quadro, para mim, é uma aventura... As vêzes, penso, na hora de dormir amanhã vou fazer isso... No dia seguinte faço outra coisa. Há um mistério em tudo isso".

E lentamente êle pega um pincel e faz uma pequena mancha quente em um canto escuro do quadro.